CARTAS ELEMENTARES DE PORTUGAL,
DE BERNARDINO DE BARROS GOMES (1878)

Há precisamente um século se publicou em larga difusão e de forma modesta, para uso das escolas, o primeiro Atlas do País: BERNARDINO DE BARROS GOMES, Cartas Elementares de Portugal, Lisboa, 1878; "livro de cabecinha dos geógrafos portugueses", segundo AMORIM GREGO, foi durante cerca de 75 anos, até à publicação do Atlas, muito mais desenvolvido e sistemático deste professor (1), o único ensino no gênero. O conjunto de 5 mapas comentados não era raro nos alfarrabistas de há 50 anos; a edição foi extensa, obra barata mas, provavelmente, a edição "racional" do cenário de mapas não agradou a quem, apesar do ensino inovador de SILVA TULLIUS, fornecia os editores de Atlas universais, onde algumas mapas, geralmente inferiores, completem — e mal — a fisicografia do país. Não parece por acaso que se abrisse o primeiro caminho de-ferro para o Porto e para a Europa (1862-1864) e se realizou, em moldes modernos e rigorosos, o primeiro recenseamento geral regular (1864), cujos resultados BARROS GOMES lamente aprova-va. Em 1875 GILARDO AUGUSTO PEREIRA dá a estampa um livro que também era fácil de encontrar, Geografias e Estatísticas Gerais de Portugal e Colónias, onde são raras correlações interpretativas mas as estatísticas estão em dia e dispostas em ordem rigorosamente sistemática. Com toda a razão J. LEITE DE VASCONCELLOS (2) considera que estes dois livros dão a fase moderna da Geografia do País, escondendo-as Descrições, Coroas e Mapas de Portugal, inauguradas em 1859 pelo livro de DUARTE NUNES DE LEÃO. Também os geólogos CARLOS KIEFER e NELIO DELGADO haviam publicado (anônimamente) outro Relatório acerca da Arboirização Geral do País (1868), preocupados com avais, charneças e cunhamas apenas entregues à utilização temporária do passeio e da cultura itinerante e que era uma riqueza potencial da Nação. Tomou assim, em menos de dez anos, uma renovação científica e técnica da ferramenta do País — e ninguém mais do que BARROS GOMES contribuiu para isso. E logo, um artigo de juventude, a vida e o artista (esta que abrange um período inteiramente muito curto) deste autor (3). Posteriormente, por informações de familiares, foi-me possível saber como o ensinamento com um professor atento e a viuvez acentuaram o seu espírito e explicam que os esforços religiosos e o tempos decepcionados das preocupações e ocupações da juventude... Perde-se um século mais gúvio-se um instante a quem as circunstâncias da morte por assassinato, durante a revolução de 1910, não permitiram contrariar a palma do martirio. Que BARROS GOMES era um homem muito bondoso mostram-no as suas viagens de inspeção às Matas do Reino, onde não permitia que o guarda lhe cedesse o quarto de dormir, acenando-se, de baixo de uma manta, no chão ou no cimo de uma área.

As cartas elementares de Portugal são cinco, todas na escala de 1:2 500 000 e formam uma publicação de 31 × 43 cm. Começa pela dos conceitos, «minha velhos alguns que a mesma monarquia», e segue-se o relveto, o clima, a vegetação, a qualidade das terras, a densidade da população, a capacidade tributária. Divisão sem dúvida heterogênea que vai do concelho de São João de Aretas (distrito de Viseu) — 18 km², o menos extenso, ao de Odivelas — 1663 km², o de maior superfície. Eles exprimem, na sua heterogeneidade, as terras arejadas e muito povoadas do Nordeste e as circunscrições talhadas à larga nas charne- janas pelos primeiros reis. Esta oposição, que o autor não aponta, não deixa de ser significativa. As próprias freguesias repetem-na e exage- ram-na. Mesmo assim, a carta concebida, acompanhada de quadros estatísticos, ministra uma primeira grande oposição entre o Nordeste e a maior parte do Sul.

H. LUETSCHI, na sua obra inovante, «A individualidade geográfica de Portugal no conjunto da Península Ibérica», tradução portuguesa no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1931 (o original é de 1928), a Sociedade de Geografia ainda procurava estar em dia), considerou BARROS GOMES o primeiro que esboçou com inteligência notável uma divisão regional do País, atendo-se embora às bacias hidrográficas (tão ao gosto dos geógrafos coimbranos, desde A Bacia do Vouga de AMORIM GREGO, 1923, ao Es EQUIPO do Homem da Era do Mala- de, A. FERNANDES MARTINS, 1910) e sem ter em conta a rigorosa individualidade dos maciços montanhosos como a Cordilheira Central. A natureza montanhosa, a posição cósmica e trasmontana, a baixa altitude e a localização em relação águas constituem os elementos naturais de uma divisão regional do País. Por um processo exegético BARROS GOMES indica para cada conceito as principais espécies (estatísticas) e a área de consenso. No Relatório da Administração Geral das Matas, relativo no Anuário Económico de 1879-1880, Lisboa, 1881, vem publicada uma coleção de 9 mapas onde as principais espécies florestais cobram ou onde há poucos e que se relacionam provavelmente com a preparação de mapa da área. Sobretudo as árvores fíbicas ficam as manchas do

(1) 1.ª edição, 1940, 2.ª, sem parte molhada nas margens e com índice, 1958.
Pinaa planester, dos carvalhos de folha caduca e dos carvalhos de folha perene que domarnam as três regiões principais do País: oceânica, transmontana, mediterrânea, tal como givos modo as aceiros LUTENSCH e cu próprio. Apenas faz projectar uma cunha meridional na Cordilheira Central e marca o limite entre o Norte e o Sul do País, não pela dominância do pinheiro bravo mas pela das espécies cultivadas — principalmente a oliveira. Depois de adoptar esta divisão, hesitou e não é impossível que volte às três grandes regiões demarcadas por LUTENSCH. A despeito da «territorialidade da Estramadura» (LUTENSCH DE VASCONCELOS), que começa no baixo vale do Mondego, o «aperito» da terra aproxima mais esta província do Norte do que do Alentejo. Contondas que falta dirimir. O facto principal foi BARROS GOMES ter entrevisto a divisão tripartida de Portugal que LUTENSCH e eu, cerca de cinquenta anos depois, viemos a adoptar. A «carta agronómica» repete, como não podia deixar de ser, o conhecimento geral da geologia de País; maciço antigo, erta secundária e terciária ocidental e algarvia, bacias sedimentares deprimidas do «Baixo Alentejo litoral» e das «Baixas do Sorroia», onde o autor, sempre sugestionado pela divisão tripartida das nossas rios, «que tão fatal têm sido os estudos geográficos» — como pertinente notou AMARIM GHIÃO —, engloba naquele o Ribatejo da margem direita, tão afim da contrária.

Relevo-se que transcreva do meu primeiro artigo científico as seguintes linhas aceleradas por algumas de BARROS GOMES, que servem de ilustração e de comentário.

«Porém onde BARROS GOMES mais revela temperamento de geógrafo e intuição notável é na interpretação da última das Cartas Elementares; a da povoação concelhia, isto é, a da quantidade de terra que cabe a cada habitante num concelho. A povoação é comparada ao relevo, ao arvedão e ao clima. O homem prefere, para se acumular, a zona litoral do norte do Tejo e evita as baixas interiores e as regiões muito secas. As máximas densidades da população coincidem com a distribuição do pinheiro bravo, as mínimas com a da azinhóia e do sobreiro — indicadores climáticos de primeira orden. A região mais humida — o Minho — é a mais densa; a região mais seca — as Baixas do Sorroia — é a menos povoada. Estabelecem-se assim regiões de densidade que não se afastam muito das regiões naturais demarcadas pelas arredores dominantes. A única exceção notável é o Algarve, porque revela características locais importantes.»

Fussa-se a transcrição de BARROS GOMES:

A observação dos factos ilustrados pelas cartas do relevo, do arvedão e da povoação, e as considerações precedentes, põem-nos no verdadeiro caminho da apreciação das causas principais da distribuição da povoação nesta parte da Península.

São, segundo toda a aparência, causas orográficas, causas meteorológicas intimamente ligadas ao relevo e exposição; visto que, variando com estes a arborização espontânea que tão bem os acusa, vemos que a povoação varia a par desta, varia segundo esta, acompanhando uma das espécies de uma notável maneira, e escasseando pelos domínios naturais de duas outras. E como os factos principais xilográficos têm tido, e conservam, o carácter de espontâneos, de naturais, é forçoso crer que os factos paralelos principais, relativos à povoação, também o têm e, portanto, que causas independentes da terra vento do homem determinam em grande parte, por estes lados da Península, a singularidade de distribuição que ela afecta hoje, e, circunstância bem notável, que ela parece ter afectado desde séculos.»

O mais extraordinário é que este atlas, de dimensões exiguas e apresentado sem pretensões, não tem qualquer obra em que se apoie. Os geógrafos antigos não foram do seu conhecimento, os coreógrafos dos séculos XVI-XIX em nada lhe aproveitaram. E de 1876 a primeira descrição de Portugal na — a tantos respeitos admirável — Geografia Universal de ELISHEE RECLUS e o autor não parece tê-la conhecido e utilizado. De MALTE-BRUN, geógrafo dinamarquês radicado em França e aí tendo escrito a primeira Geografia Universal moderna, nada se pode tirar dada a falta de envergadura deste autor. De A. VON HUMMOLD e C. RITTER, fundadores da Geografia moderna, não se encontra qualquer citação. BARROS GOMES foi o primeiro a «pensar em conjunto condições naturais e destinos humanos — muito antes que RATZEL, pusse em voga uma expressão cujo autor se esquece.»

Dai que BARROS GOMES foi geógrafo malgrá lui, porque sabia ver a Natureza como um todo e, como os naturalistas da sua época, não desprezava correlações e integrações humanas — a Natureza humana sendo afinal a outra face de tudo o que existe. Cem anos depuia vale a pena recordar o autor das Cartas Elementares de Portugal — e anotar ainda que pensarm com largueza, sem os antolhos da especialização, é afinal pensar e elaborar obra que permanece. Nem tudo, felizmente, na Ciência se esvai com o tempo: esquecido, ignorado, menosprezado, há afinal algo que perdura.